

**O**NTEM deixei a entrevista do general Lott no meio, com as devidas desculpas, e fui pegar minha praia. Fiz bem; preciso cuidar do físico, porque a alma já não sei se ainda comporta uma meia sola.

Mas, voltemos à vaca fria.

Queixa-se o general de que vivemos em uma atmosfera de ódios. De minha parte devo dizer que não há nenhum; sou um manso de coração. Já me manifestei contra um golpe armado neste momento, e tenho a impressão de que fracassará, se vier. Por outro lado acredito no general quando ele diz que não pretende dar nenhum golpe. Para que diabo o faria? O céu, como diz aquele programa de televisão, é o limite. Nada perturba neste momento a onipotência do general; e quanto à sua bemaventurança, só é apoquentada por alguns palpites da oposição no parlamento ou na imprensa. Mas se essa gente for proibida de falar alto continuará falando baixinho — e provavelmente palavras feias — o que, mesmo a gente não ouvindo, sempre incomoda. «O senhor não disse, mas pensou!».

Creio que o general está de parabéns por desistir de sua antiga posição e se manifestar contra a exportação da areia monazítica.

Ele driblou a pergunta de Castelo Branco sobre sua aproximação com os comunistas; mas teve o mérito de não negá-la e mesmo, indiretamente, confirmá-la. Dirão os mal-dosos que isso tem algo a ver com as eleições para o Clube Militar... Não creio. Apenas gostaria de reler o tal documento em que os ministros militares exigiam do presidente Café Filho o fechamento dos jornais comunistas. Naquele tempo os comunistas estavam contra o governo, e o general Lott era governo. Hoje os comunistas estão a favor dele; é humano que ele não os xingue, e, mesmo, em particular (esta informação que me deram eu a passo sob todas as reservas, mas me parece razoável) ele diga que não veria inconveniente em que a anistia fosse ampla, e ainda em que o Partido Comunista voltasse à legalidade. Eu mesmo penso assim — e a mim os comunistas não adoçam a boca, ao contrário do que neste momento estão fazendo ao general.

Com ou contra os comunistas e trabalhistas também sou por uma evolução «no sentido de dar ao maior número a possibilidade de gozar dos bens que durante muito tempo foram privilégio da minoria».

Lamento, porém, não estar sempre de acordo com o general; acho que ele demonstrou ter uma visão demasiado mesquinha e subjetiva de nosso momento histórico querendo reduzir o 24 de agosto a «uma crise de histerismo aqui na Capital da República». Pode ser que naqueles dias o general tenha se sentido histórico; de resto ele mesmo conta que foi superado pelos acontecimentos. Era contra a deposição do presidente da República, mas acabou concordando com ela, o que lhe permitiu ser ministro e, algum tempo depois, depor dois presidentes da República...

Não, general, aquilo não foi uma crise de histerismo. Foi um movimento fortíssimo de opinião que destruiu um estado de coisas que estava se desintegrando de poder. O presidente Vargas destruiu completamente as esperanças que acendera nas classes humildes; ouvi a notícia de sua renúncia em um café popular da praça Tiradentes, e os operários, motoneiros e garçons que estavam ali receberam a notícia ou com alegria (poucos) ou com indiferença e piadas. Só o gesto dramático de seu suicídio, horas depois, voltou a lhe dar aos olhos do povo o prestígio antigo. Isto é o que muita gente parece ter esquecido hoje; e também que, mesmo depois do suicídio, o jornalista Carlos Lacerda foi o candidato para deputado mais votado do Rio. As classes armadas — não pelo capricho de dois ou três generais, almirantes e brigadeiros, mas por uma irresistível pressão de toda a oficialidade claramente revoltada — apenas interpretaram o sentimento evidente da classe média, de que fazem parte. O velho Vargas deixara afundar-se seu governo em uma grande corrupção, e não dava mostras de ter forças para reagir; da farrá e do furto já se passara ao assassinio; aquilo não podia continuar.

Não importa que depois o sr. Carlos Lacerda, a UDN, o general Juarez, etc., tenham praticado mil erros que deram com eles no chão, a começar pela infeliz escolha, pelo citado general, do ministro da Guerra do presidente Café Filho. A «crise de histerismo» foi um grande movimento de opinião, grande e necessário. Amanhã eu mostrarei como seus bons efeitos perduram.